

Coro infantojuvenil em contexto universitário: desdobramentos de uma tese

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: EDUCAÇÃO MUSICAL

Ana Lúcia Iara Gaborim-Moreira
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – ana.gaborim@ufms.br

Marco Antonio da Silva Ramos
Universidade de São Paulo – masilvamos@gmail.com

Resumo: este artigo se inicia com as principais questões trazidas pela tese de doutorado da autora defendida na Universidade de São Paulo (GABORIM-MOREIRA, 2015), a respeito da regência coral infantojuvenil em um projeto de extensão da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. A pesquisa bibliográfica dessa tese foi realizada sobre três pilares que estruturam o trabalho coral: a técnica de regência, a técnica vocal e a educação musical. Posteriormente, analisamos as ações que se sucederam a partir da defesa da tese: a ampliação do projeto de extensão (inclusive para outras faixas etárias), o envolvimento da comunidade externa e dos acadêmicos do curso de Licenciatura em Música no projeto; a elaboração de novas pesquisas acadêmicas, fomento à prática coral infantojuvenil no Estado de Mato Grosso do Sul e, de modo geral, o fortalecimento dessa área, em termos de reconhecimento de seu potencial artístico e em termos de formação e atuação profissional dos regentes.

Palavras-chave: Regência coral. Coro infantojuvenil. Técnica vocal infantojuvenil. Projetos de extensão em música.

Children and Youth Choir in University Context: Deployments of a Thesis

Abstract: this article presents at first the main questions brought by the doctoral thesis defended by the author at São Paulo University (GABORIM-MOREIRA, 2015), about children's and youth' choral conducting in an extension project at Mato Grosso do Sul Federal University, Brazil. The bibliographical research has been constituted on three strategic pillars that structure the children's and youth choral work: conducting technique, vocal technique and music education. At second time, we analyzed the actions that follow from the defense of the thesis: the expansion of the extension project (for other age groups); the involvement of Music undergraduate students and the community with the project; new projects of academic research; promotion of choral practices in the state of Mato Grosso do Sul and, generally, the strengthening of this area in terms of recognition of their artistic potential and in terms of training and professional performance of the conductors.

Keywords: Choral Conducting. Children and Youth Choir. Children and Youth Vocal Technique. Music Extension Projects.

Introdução

O conceito de **Regência Coral** subentende essencialmente duas áreas de performance – a Regência e o Canto, em uma perspectiva de fazer musical coletivo. Contudo, o fato de termos um trabalho direcionado ao público infantojuvenil naturalmente embute a essa prática um caráter educativo, que demanda uma abordagem psicopedagógica em sua concepção e uma estruturação metodológica consistente na construção de seus processos de ensino-aprendizagem.

Assim, estabelece-se no campo da regência coral infantojuvenil um profissional com certas habilidades e competências que se fundem nas funções de regente, cantor e educador musical. No intuito de discutir a formação desse profissional e levantar referenciais para esse trabalho específico - bem como contribuir para a estruturação e a sobrevivência de coros dessa natureza em nosso atual contexto - demos início em 2012 a uma pesquisa de doutorado com essa temática e em 2013, iniciamos uma ação de extensão denominada PCIU! - Projeto Coral Infantojuvenil da UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), vinculado ao curso de Licenciatura em Música dessa Universidade. Assim, neste artigo, trazemos os fundamentos principais da tese, que embasam o projeto, e relatamos as ações que se sucederam após sua defesa, isto é: os desdobramentos dessa investigação na formação e atuação de regentes e professores de Música.

1. Técnica de regência

A construção do “ser regente” naturalmente envolve o domínio do conhecimento teórico-musical; contudo, o aprendizado da Regência, em seus aspectos técnicos e interpretativos, é essencialmente desenvolvido na prática. Assim, ao considerarmos a Regência como área de performance, é importante esclarecermos que esse termo aqui é entendido como um processo contínuo, construído ao longo de um tempo de estudo e preparação. Durrant e Welch (1995, p. 37) consideram que a performance passa por cinco estágios consecutivos: preparação inicial – esboço – edição – refinamento e, finalmente, a performance “final” ou apresentação pública, que é entendida como um produto resultante desse processo. Nessa perspectiva, os autores qualificam como *performers* não somente os músicos profissionais, dos quais se esperam altas habilidades e alto nível de conhecimento, mas também os professores e alunos de Música, inclusive as crianças. Os autores consideram que as performances de ambos, mesmo que não sejam musicalmente sofisticadas, podem trazer impresso um pensamento musical dotado de sensibilidade, individualidade e expressiva qualidade musical (*id.*, *ib.*). Nesse ponto, o conceito de performance se aproxima da regência coral infantojuvenil e nos conduz à afirmação dos regentes e coralistas enquanto músicos – intérpretes, artistas, *performers* – dentro dos seus limites e possibilidades.

O entendimento da Regência enquanto performance, portanto, pode orientar de maneira mais eficaz o ensino da técnica de regência nos cursos superiores de Música. Nas palavras de Kohut e Grant (1990, p.3), “o objetivo da técnica de regência, portanto, é ajudar o regente a realizar suas metas musicais da maneira mais eficiente e mais efetiva”. Nesse sentido, a formação geral do regente contempla: o estabelecimento da postura (quanto

posicionamento corporal e enquanto atitude); o domínio do gestual (abrangendo *levare*, entradas, padrões rítmicos, entradas e cortes, agógica e dinâmica) e de um instrumento musical; a interpretação do repertório em si – o que requer conhecimento histórico, estético, estilístico e textual (linguístico); o aprimoramento da percepção musical; o conhecimento das formas composicionais, de análise, de harmonia e de contraponto. E acrescentamos a esses elementos básicos formativos, o entendimento de que a regência é uma forma de comunicação e expressão, onde ficam expostos o pensamento, a experiência e os afetos do regente. Nas palavras de Östergren, “a regência requer atributos físicos e psíquicos que resultam na habilidade de fundir um grupo de músicos em uma só unidade de pensamento e emoção” (2000, p.5).

Além do domínio da técnica, é fundamental que o regente desenvolva habilidades administrativas – na tomada de decisões, organização do tempo, eleição de prioridades – e habilidades humanas, ao lidar com relacionamentos entre coristas, público e gestores. Robinson e Winold (1976, p. 45) enfatizam que “o regente coral lida com pessoas, que *são* seus instrumentos”. E isso envolve, naturalmente, o provimento de incentivo constante para os coralistas e a manutenção de um ambiente que promova a sensação de bem-estar na dinâmica de ensaios do coro. “Além disso, na maioria dos casos, é necessário ter uma apurada técnica de resolução de problemas, seja através de atividades educativas, seja apenas sendo capaz de muita clareza para a identificação e criação de estratégias para obtenção de resultados” (RAMOS, 2003, p.1).

Ensinar a reger e promover essa experiência prática, seja em aula de graduação ou em um projeto de extensão como o PCIU!, é também impulsionar o desenvolvimento da capacidade de liderança, inerente à regência. Muitas vezes, o estudante de regência desenvolve habilidades técnico-musicais, mas tem dificuldade de se colocar diante de um grupo. É preciso trabalhar os aspectos psicológicos, ensinar a lidar com as emoções e promover a autoconfiança necessária para que esse estudante se conscientize de que o tempo e a experiência lhe trarão gradualmente maior amadurecimento e conseqüentemente, mais segurança. Além disso, é importante preparar o estudante para o desafio de estar no palco diante do público, considerando que “para o aprendizado profundo da Regência Coral é necessária a vivência de experiências artísticas significativas” (RAMOS, 2003, p.VI).

Os elementos aqui apresentados, a nosso ver, são essenciais para a formação de qualquer regente. Porém, é importante destacar que diferenças entre a regência coral de um grupo adulto e de um coro infantojuvenil não residem na técnica de regência em si, mas no conhecimento das características físicas e psicológicas desse público específico, de sua

capacidade cognitiva de aprendizado e realização de tarefas, de sua necessidade de socialização, de suas possibilidades de compreensão e execução musical, de seus gostos e interesses naturais da idade e da época em que vivem - o que inclui a atração pelos jogos, brincadeiras e recursos tecnológicos. É preciso que o regente tenha a consciência de que ele mesmo é um exemplo a ser seguido, e que as crianças tendem a imitar muito mais os gestos, expressões e o modelo vocal do regente do que os adultos, sendo também mais curiosas e mais comunicativas. É essencial, ainda, que o regente provenha a motivação necessária para que os participantes permaneçam no coro, utilizando-se de muita criatividade e ludicidade para manter a atenção das crianças, e nutrindo sempre a vontade de aprender e fazer música.

2. Técnica vocal

A regência de um coro pressupõe o desenvolvimento da técnica vocal em grupo. De acordo com as características e condições de cada coro, é possível que o regente precise orientar desde as noções mais elementares de fisiologia e fonação, até nortear o aprimoramento das técnicas de apoio, da ressonância, da articulação, da projeção, da construção do som vocal do grupo e conduzir a interpretação de maneira saudável, coerente e com um máximo de rendimento.

Podemos afirmar que o canto é um ato psicomotor que demanda alta concentração mental e coordenação motora, tendo ainda a interferência de fatores sócioafetivos. Muitas vezes ele se desenvolve intuitivamente, e nesse sentido, Valente nos alerta que “o ato de cantar, atividade espontânea e natural, é, longe do que possa aparentar à primeira vista, bastante complexo. Envolve uma percepção e coordenação simultânea de postura, gesto, respiração, escuta e emissão” (1999, p.126). A tarefa do regente consiste, então, em desmistificar que o canto é reservado a poucos privilegiados que supostamente nasceram com esse “dom” e ao mesmo tempo, valorizar o empenho de seus cantores no desenvolvimento da técnica vocal, esclarecendo que, para ser desenvolvido de forma saudável e adequada, o canto demanda o estudo constante e uma orientação coerente.

Nesse sentido, a preparação vocal se torna indispensável em ensaios corais, e mais ainda nos grupos infantojuvenis, por trabalharmos com vozes em formação. Smith e Sataloff enfatizam que “a prática do canto coral cria os fundamentos para o crescimento vocal” (2013, p.179). É importante que o regente apresente bons exemplos vocais e construa referências no canto (em oposição à enxurrada de modelos vocais distorcidos que encontramos diariamente nas mídias). Na tese e no trabalho desenvolvido no PCIU!, propomos uma sequência de atividades que envolvem consciência corporal, alinhamento postural, controle respiratório,

exercícios de vocalização (como *glissandos* sem altura definida e imitação de sons diversos) e vocalizes, melódicos e harmônicos. Incluímos, ainda, a prática do solfejo, para que elementos como a afinação e a leitura musical desenvolvam o canto de maneira mais estruturada.

É ainda imprescindível que o regente- cantor-educador conheça os limites de tessitura e extensão vocal infantil¹ e saiba conduzir a construção de uma voz saudável, seja qual for o contexto em que esse coro se realiza. Contudo, sabemos que esta não é a realidade que encontramos na maioria dos coros infantojuvenis brasileiros. Roberty (2016, p.15), em sua dissertação sobre a extensão vocal infantil, constatou que “nem sempre os professores conhecem o suficiente sobre a voz infantil de modo a trabalhar com propriedade e confiança.”

É muito comum que o regente encontre crianças que não sabem diferenciar a voz cantada e a voz falada; que apresentam disfonias, cantando com um esforço desnecessário (chegando aos berros) ou com voz soprosa; que desconhecem o som de sua própria voz ou conhecem apenas seu registro grave; que não conseguem se expor cantando diante do grupo e/ou que têm dificuldades em controlar sua ansiedade no momento de ouvir o que está sendo ensinado. É importante notar que algumas dessas questões também se apresentam em coros adultos amadores, como um reflexo da ausência da educação musical nas escolas nos últimos 40 anos. Mas essa é uma longa e profunda discussão, que deixaremos para outra oportunidade.

3. Educação musical

Diante dos conceitos teóricos e experiências práticas aqui levantados, concebemos o coro como um espaço dinâmico de construção do conhecimento artístico-musical. Podemos considerar que no PCIU!, os participantes efetivamente aprendem música por meio do canto coral: as crianças e adolescentes se expressam por meio da música, cantando; compreendem seus elementos rítmicos e melódicos; aprendem a ler, a criar e a improvisar; são orientadas na apreciação musical de diferentes tipos de obras musicais e têm ampliadas suas capacidades de percepção musical. Mas nosso compromisso não é apenas com o aprendizado musical, e sim com o desenvolvimento da criança como um todo. Nas palavras da educadora musical Maria de Lourdes Sekeff,

a educação musical visa à *formação* do educando, dirigindo sua sensibilidade, inteligência e vontade para uma integração de *valores existenciais*, indo além da mera *informação* das diferentes formas de conhecimento teórico e prático. Afinal, essa linguagem de semântica própria é sustentada por fatores históricos, culturais, psicológicos, sociais, estéticos e simbólicos que lhe conferem poder de colaborar na integração do educando ao sistema sócio-cultural-global (SEKEFF, 2002, p. 136).

Ensinar as crianças a cantar é, portanto, oportunizar uma experiência significativa, que transcende o aprendizado musical e contribui para a sua formação integral. Essa é a tônica que tem conduzido o trabalho musico-vocal do PCIU! desde 2013, quando se instituiu como projeto de extensão da UFMS. Na tese, analisamos os primeiros 18 meses de trabalho no projeto. No início, foi bastante difícil conseguir a adesão de pais e de crianças-coralistas, visto que não tínhamos nenhuma referência para ser apresentada. Em um senso comum, sentimos certo desdém e incompreensão com respeito à concepção de “coral” e constatamos a dificuldade de se encarar o projeto como uma proposta séria de educação musical - ao invés disso, a proposta parecia ser entendida como uma oportunidade de lazer gratuito e sem comprometimento. Sentimos que havia também uma certa resistência do público em participar de uma pesquisa (de doutorado, no caso), sem saber ao certo quais seriam seus resultados práticos.

A procura pelo projeto começou a se intensificar depois que realizamos as primeiras apresentações públicas, em eventos da UFMS e locais de grande circulação – como shoppings, aeroporto, projetos sociais, praças e espaços públicos. Destacamos, aqui, a apresentação pública - como “produto final” da performance - pela visibilidade que impute a um projeto coral. Embora não sejam nossa principal meta no trabalho (pois o objetivo principal do projeto é a educação musical), as apresentações representam a coroação dos resultados obtidos, a projeção desses resultados na comunidade, a divulgação do projeto, o encerramento de um ciclo e o reconhecimento pelo esforço e dedicação de cada coralista.

Em 2014, o projeto realizou sua primeira viagem para uma apresentação em outra cidade de Mato Grosso do Sul; os meios midiáticos também colaboraram para a divulgação do projeto, sendo que uma reportagem de meia página foi publicada em jornal impresso e um noticiário de TV realizou uma chamada ao vivo para divulgar um evento da Secretaria de Cultura de Campo Grande, no qual o PCIU! se apresentou. Nesse mesmo ano, alguns coralistas foram convidados para participar da gravação de um CD intitulado “Crianças 2” (indicado para o Prêmio da Música Brasileira), o que projetou para novos horizontes o trabalho coral realizado até então. Em 2015, ampliamos o projeto iniciando um novo grupo para atender aos irmãos menores dos coralistas, e denominamos esse grupo “PCIUzinho”. Nesse ano, ainda, os resultados do PCIU” enquanto pesquisa acadêmica começaram a ser expostos em congressos pelo Brasil (e posteriormente no exterior); os estágios e monitorias voluntárias de alunos deram origem a trabalhos de conclusão de curso de graduação (monografias), em tópicos específicos, e a tese serviu de referência para trabalhos de pós-graduação em outras Universidades Federais.

No início de 2016 (logo após a conclusão do doutorado), com o início de um programa de televisão² onde os participantes competiam cantando, muitas crianças se interessaram pelo aprendizado do canto e surpreendentemente tivemos mais de 100 (cem) inscrições para o projeto. As próprias crianças, nos ensaios, comentavam que estavam no coro porque queriam aprender a cantar com o objetivo de participar do programa. Com isso, um novo desafio se apresentou ao projeto, porque até então as crianças “veteranas” (que já participavam do projeto) formavam a base do coro e as crianças novas iam se adaptando ao grupo, assimilando o trabalho coral. Mas com um número tão grande de crianças novas – que superava o de “veteranas” – foi preciso redirecionar o trabalho, de modo a avançar no desenvolvimento do grupo e não desmotivar os coralistas. Iniciamos, então, um coro de cantores mais experientes - o “PCIU Alfa”- com o aprendizado de melodias mais rebuscadas (em arranjos ou composições a duas vozes) e mantivemos o outro coro de ingressantes, no qual o trabalho seria direcionado para os fundamentos da preparação vocal e para o aprendizado de melodias simples, estabelecendo as bases do trabalho coral – o “PCIU New”. Mas havia ainda um outro desafio: alguns integrantes que tinham iniciado em 2013 já haviam crescido, e então precisamos de um trabalho voltado ao público adolescente. Surgiu aí o “PCIU +”, um grupo com número menor de participante, mais adequado às vozes em muda vocal, com um repertório mais popular e menos “brincadeiras” no ensaio.

O quinto grupo do projeto – “PCIU Master” surgiu a partir da iniciativa dos pais dos coralistas, que ficavam ociosos esperando o(s) filho(s) durante os ensaios. O fato das crianças levarem tarefas para fazer em casa (sobre os conteúdos apresentados durante a prática do solfejo) despertou a curiosidade dos pais para o aprendizado vocal e musical. Além disso, com pais e filhos participando do projeto, percebemos o estreitamento de seu vínculo; pais e crianças se apresentaram bastante motivados para vir ao ensaio, e ambos se sentiram felizes em compartilhar os ensinamentos aprendidos.

Embora os ensaios semanais sigam a uma rotina - o que traz segurança e denota organização para as crianças - procuramos trazer sempre “novidades” em parceria com profissionais e instituições. Promovemos esporadicamente oficinas de linguagens artísticas: em 2018 realizamos oficinas de dança em parceria com a escola de Ballet Isadora Duncan; promovemos a oficina de expressão cênica com Reynaldo Puebla e Ana Abe. Organizamos intercâmbios com outros coros (como o do SESC e da LBV – Legião da Boa Vontade) e os “Encontros de coros infantojuvenis” anuais, junto à Secretaria de Educação e com a participação de outros coros, inclusive de outras cidades de Mato Grosso do Sul. Realizamos concertos com o Coro de Câmara da USP, a Orquestra Sinfônica Municipal, a Banda da Base

Aérea e juntamente com os alunos do curso de Música da UFMS, montamos o espetáculo “Os Saltimbancos” (2018). Naturalmente, para que tudo isso se realizasse, foi necessário empreender tempo e recursos (materiais e humanos) por parte de toda uma equipe: acadêmicos e professores do curso de Licenciatura, pais e os próprios coralistas.

A tese que deu origem ao PCIU! recebeu menção honrosa no “Prêmio Destaque USP 2016”, na área de Linguística, Letras e Artes. O PCIU! recebeu moção de congratulações pela Câmara Municipal de Campo Grande e homenagem da Associação Internacional de Poetas/Cercle Universal de La Paix/Global Harmony Association (2017). Por fim, é importante ressaltar que a pesquisa de doutorado ainda impulsionou a criação de uma nova disciplina no curso de Licenciatura em Música da UFMS, denominada “Regência de coro infantojuvenil”, que visa capacitar os futuros regentes-cantores-educadores para essa atuação específica. A disciplina terá início no 2º semestre de 2019 e nela serão enfocados aspectos técnico-vocais (levando em conta os limites e possibilidades das vozes infantojuvenis), repertório apropriado para essa faixa etária, discussões acerca da atitude do regente frente a esse público (em termos psicopedagógicos e técnicos do gestual de regência), bem como dinâmicas de ensaio que naturalmente envolvam ludicidade e criatividade.

Considerações finais

A pesquisa-ação que se iniciou no doutorado pôde então se transformar em uma ação efetiva, que tem trazido resultados positivos para a comunidade - enquanto projeto de extensão - e que tem também contribuído para uma formação mais abrangente dos alunos de Licenciatura em Música. Embora tenhamos desenvolvido nossas próprias metodologias de ensino e ferramentas de análise investigativa – que estão disponíveis na tese em questão - não deixamos nunca de nos lembrar de que o canto coral deve ser uma atividade prazerosa, espontânea e divertida. Findamos este artigo com a expectativa de que o projeto PCIU! continue fomentando a pesquisa na área de Educação Musical, estimulando o desenvolvimento de crianças e adolescentes em termos artístico-musicais, encantando nosso público alvo e ao mesmo tempo, contribuindo para o fortalecimento e expansão da área coral infantojuvenil.

Referências:

DURRANT, Colin; WELCH, Graham. *Making sense of music: foundations for Music Education*. London: Cassell, 1995.

- GABORIM-MOREIRA, Ana L. I. *Regência coral infantojuvenil no contexto da extensão universitária: a experiência do PCIU*. Tese (Doutorado). [574f]. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015.
- KOHUT, Daniel; GRANT, Joe W. *Learning to conduct and rehearse*. New Jersey (US): Prentice-Hall, 1990.
- ÖSTERGREN, Eduardo A. A integridade do maestro como intérprete e seu compromisso na comunidade. *Cadernos da Pós-graduação, ano 4, volume 4, no.2*. Instituto de Artes da Unicamp, 2000.
- RAMOS, Marco Antonio S. *O ensino da Regência Coral*. Tese (Livre-docência). [118f.] São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2003.
- ROBERTY, Bruno B. *A extensão vocal infantil: um estudo sobre a voz infantil no contexto do ensino regular brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Música). [119 f.]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2016.
- ROBINSON, Ray; WINOLD, Allen. *The choral experience: literature, materials, and methods*. Harper's College Press, 1976.
- SEKEFF, Maria de Lourdes. *Da música, seus usos e recursos*. São Paulo: Unesp, 2002.
- SMITH, Brenda; SATALOFF, Robert T. *Choral pedagogy*. 3rd. Edition. San Diego: Plural Publishing, 2013.
- VALENTE, Heloisa A. D. *Os cantos da voz: entre o ruído e o silêncio*. São Paulo: Annablume, 1999.

Notas

¹ Não nos será possível, no âmbito deste artigo, apresentar esses tópicos. Mas o leitor poderá encontrar uma explanação mais detalhada a esse respeito na tese (GABORIM-MOREIRA, 2015).

² Trata-se do programa “The Voice Kids”, transmitido pela TV Globo (rede aberta). Maiores informações sobre esse programa podem ser vistas em [https://pt.wikipedia.org/wiki/The_Voice_Kids_\(1.ª_temporada\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/The_Voice_Kids_(1.ª_temporada))